

ser-lhe-á fácil preparar, em paz, a mudança para o tempo melhor da reconciliação social, do trabalho pacífico e da felicidade humana geral". Remata sua predição exclamando, cheio de esperança: "Os poetas transferiram o século de ouro para os tempos primitivos. Entretanto, o século de ouro da raça humana não se encontra atrás de nós e sim à nossa frente e, além disso, o aperfeiçoamento da ordem social tem de trazê-lo. A visão dessa época vindoura era inacessível a nossos antepassados, ao passo que nossos filhos hão de vê-la surgir. E' a nós que incumbe preparar o caminho".

"Preparar o caminho" ao aperfeiçoamento, é também o que Comte considera como a missão própria da ciência — "savoir pour prévoir", "saber para prever", eis o que lhe parece ser o seu último fim.

"Se estudarmos a atividade humana na sua totalidade" escreve êle, "temos, sem dúvida, de conceber o estudo da natureza de modo que seja êste destinado a fornecer ao homem a base que lhe permita influir sôbre a natureza. Numa palavra, a ciência leva à previdência, a previdência leva à ação. Assim reza a fórmula que exprime a relação entre a ciência e sua aplicação".

Segundo êle, nenhuma das revoluções passadas da humanidade, nem sequer a transição do politeísmo ao monoteísmo transformaram tão profundamente a existência do indivíduo e da sociedade como acontecerá num futuro próximo, mercê do advento do Estado positivo.

Na opinião de Comte, o espírito positivo fundará "uma harmonia espiritual até então impossível" e levará a uma comunidade intelectual e moral que será "mais completa, mais ampla e mais duradoura do que jamais aconteceu com qualquer comunidade religiosa".

Nessa grande harmonia final, o industrialismo desempenhará um papel essencial. E' o govêrno industrial, com efeito, que "destrói integralmente o sistema das castas", melhora as relações sociais e "aproxima todos os povos, a-pesar-das divergências nacionais". Sua missão consiste em "fomentar a influência racional do homem sôbre o mundo por meio da ciência", dirigir as fôrças materiais graças à intervenção humana e "até elevar o caráter das classes baixas".

## 6

---

## O mundo do anti-leão

---

Quando, em Marselha, alguns especuladores em cereais mandaram jogar ao mar a carga dum navio de trigo para impedir a baixa dos preços dos gêneros alimentícios, foi testemunha dêsse fato o caixeiro Charles Fourier, então com dezenove anos de idade.

Depois, tendo-se estabelecido em Lyon como comerciante, aprendera a conhecer tôdas as tramóias escandalosas de seus concorrentes, as quais aliás, o levaram à falência, de modo que dali por diante teve de ganhar a vida como viajante para firmas alheias.

Essas experiências, juntas às observações sôbre a vida comercial levadas a efeito por ocasião de suas visitas em qualidade de representante fizeram amadurecer-lhe no espírito a idéia de que a sociedade, tal como estava, não podia se encontrar no verdadeiro caminho do progresso que conduz à perfeição.

Parecia, por conseguinte, que o mero conhecimento das leis históricas e a verificação de que o mundo se move seguindo a linha do progresso não bastavam, exatamente como o egoísmo e a concorrência não-organizada, por si sós, tampouco haviam trazido a harmonia dos interesses e a maior felicidade do maior número profetizadas pelos mestres liberais.

Crer nas virtudes milagrosas do egoísmo, da concorrência e da ciência positiva era bom para professores escoceses, para sábios ingleses sem experiência do mundo, para extáticos homens fantasistas. Um sensato agente comercial francês, porém, que se acha em meio da verdadeira vida prática, que noutros tempos possuía pessoalmente uma casa de negócio e que, durante suas viagens, entrara em íntimo contacto com comerciantes de tôda a França, tem de encarar as coisas de modo um pouco diferente — isto é, como na realidade são!

Não, o mundo não estava, com efeito, trilhando o caminho da perfeição; pelo contrário, era antes podre e seria simplesmente pueril querer esperar sua reforma unicamente da "evolução" e do "conhecimento das leis históricas".